

Estudo sôbre o



FOOT-BALL

Pelo

1º Ten. ANTÔNIO BARCELOS BORGES
INSTRUTOR DA E.E.F.E.

Continuamos com este artigo a instrução técnica individual.

PROGRESSÃO COM BALÃO

Quando a bola está controlada, serve-se dela conduzindo-a por golpes de pé, curtos ou longos (dribles, passos curtos e longos e shoots).

Dribles

A) Driblar a bola é a operação que permite ao jogador, sem perda de sua velocidade, conduzi-la, se possível, sem olhá-la, a uma distância que não deverá exceder de 1 metro afim de se evitar a interceptação da mesma por um adversário.

Ao conduzir a bola, o jogador a colocará em sua frente por meio de pequenos golpes de pé, aplicados com os lados exterior e interior ou com o bico dos pés. A condução da bola com o lado interno do pé apresenta um grande inconveniente que é a perda da velocidade, acarretando daí um retardo no avanço ou escapada. Na condução com o lado exterior ou bico do pé, os pés deverão ser sempre dirigidos para frente.

A bola, em situação alguma, deverá ficar fóra do controle dos pés, em outras palavras, não deverá ficar muito distanciada deles.

B) Driblar o adversário — O drible é a operação que consiste em fazer com que um jogador passando a bola pelo lado ou pela frente do adversário, consiga desvencilhar-se de sua marcação.

Driblar um adversário deslocando a bola pelos lados.

Para isto, faz-se passar a bola pelo lado do adversário com um ligeiro golpe de pé, acompanhando-se a bola num ligeiro salto para o lado afim de evitar a perna do adversário que procurou evitar a passagem da bola.

Caso se deseje abordar o adversário pela sua esquerda e caso a bola esteja também mais para esse lado, dar-se-á um pequeno golpe com o lado externo do pé direito (pé mais próximo da bola), jogando-se a bola para a direita. Ao contrário, estando a bola mais para o lado direito do adversário, aplica-se o lado interno do pé esquerdo (pé mais próximo da bola), jogando-se a bola para a direita.

Driblar passando a bola pela frente.

No momento em que o adversário estiver com as pernas afastadas, lançar a bola por entre elas e retomá-la desbordando pelos lados.

Outros processos são usados para se poder passar por um adversário. Assim, passar a bola por cima da sua cabeça; imobilizar a bola e continuar a corrida afim de iludir o marcador, que não se apercebe que a bola ficou para trás (processo muito empregado pelos pontas); empregar fintas, etc.

O drible só produz resultados benéficos quando feito para a frente e com rapidez, sendo que o seu executante não deve olhar para bola e sim para o adversário afim de advinhar as suas intenções. O drible não deve constituir maneira normal do jogo e sim deve ser empregado como um paliativo. A utilização do drible só se faz necessária quando fôr impossível empregar o passe.

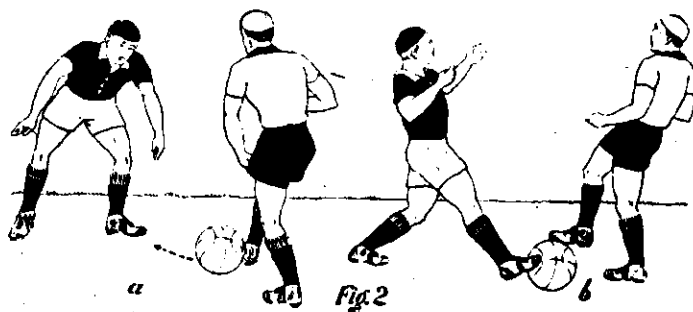
NEUTRALIZAÇÃO DOS DRIBLES

Abordagem de frente.

Vários processos se utilizam para neutralizar um drible quando nos achamos de frente para o adversário. Dê-se os processos estudaremos três:



1.º — alongando-se a perna — alongar a perna para tomar a bola das pernas do adversário no momento em que este decide o drible (Fig. 1).



2.º — Empregando-se uma finta — Chegar próximo ao adversário, a uma distância variável de 1 a 1½ metro, aproximar-se sem precipitação, com as pernas afastadas, simular, em seguida, uma entrada numa direção dada; isto obrigará o adversário a fazer seu drible na direção oposta. Aproveitar esse momento previsto para alongar a perna e tomar a bola, como já foi feito na fig. 1 (Fig. 2).

3.º — Entrando-se com o peito contra o peito do adversário — Agir com o peito sem brutalidade e sem ajuda dos braços e das mãos. Projetar o adversário para trás e apro-



veitar-se deste momento para apoderar-se da bola e dela se servir (Fig. 3).

Poderíamos ainda citar um processo muito empregado por alguns jogadores, que é o alongamento das duas pernas (carrinho).

Toda vez que um jogador procura neutralizar a ação de um adversário, deve partir resolutamente em direção a êle, mas deverá estancar na sua frente a uma distância de 2 metros para, em seguida, se aproximar lentamente.

Quando se procura neutralizar um drible do adversário, deve-se procurar anulá-lo sem olhar para a bola e com o objetivo de se adivinhar as intenções do driblador.

Abordagem pelo lado.

Consideraremos dois casos:

1.º — O jogador de defesa corre ao lado do adversário, porem, não consegue chegar à sua altura, isto é, alcançá-lo.

2.º — O jogador de defesa, correndo ao lado do adversário, consegue chegar à sua altura.



No 1.º caso, o jogador de defesa tem, como unico recurso, alongar a perna correspondente ao lado em que está o adversário, de modo a opôr à bola a parte externa do pé (Fig. 4).

Neste caso, não é permitido o tranco. Caso haja, será forçosamente um "foul", porque será dado pelas costas.

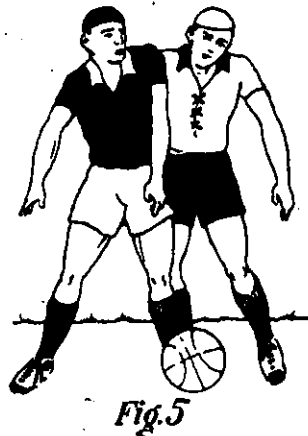
No 2.º caso, o jogador de defesa ao chegar à altura do adversário projeta-o para o lado por meio de um tranco, sem brutalidade e sem ajuda das mãos e dos braços. (Fig. 5)

PASSÉS

O passe é o elemento fundamental para o sucesso do jôgo.

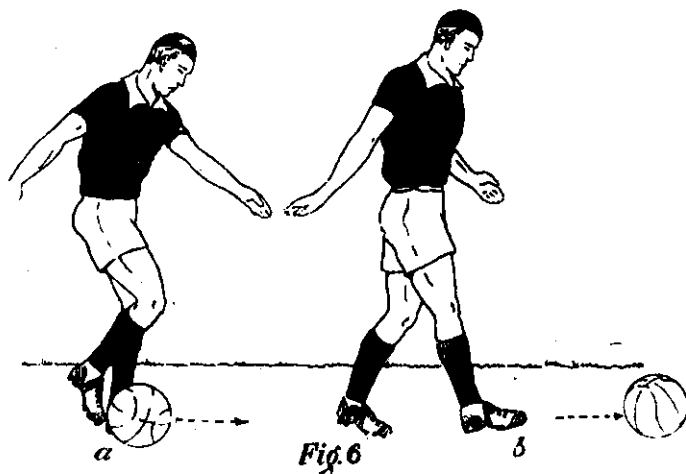
Neste número abordaremos as maneiras mais usadas na execução dos passes curtos.

O estudo do passe longo e mais algumas considerações sôbre os passes em geral estudaremos depois.



O passe curto é feito por um jogador já marcado ou em via disto a um companheiro desmarcado que esteja a uma distância até 25 metros.

O passe não deve ser feito exatamente sôbre o jogador a que êle é destinado, mas na direção onde êste possa mais vantajosamente utilizá-lo.



Passé curto com o peito do pé.

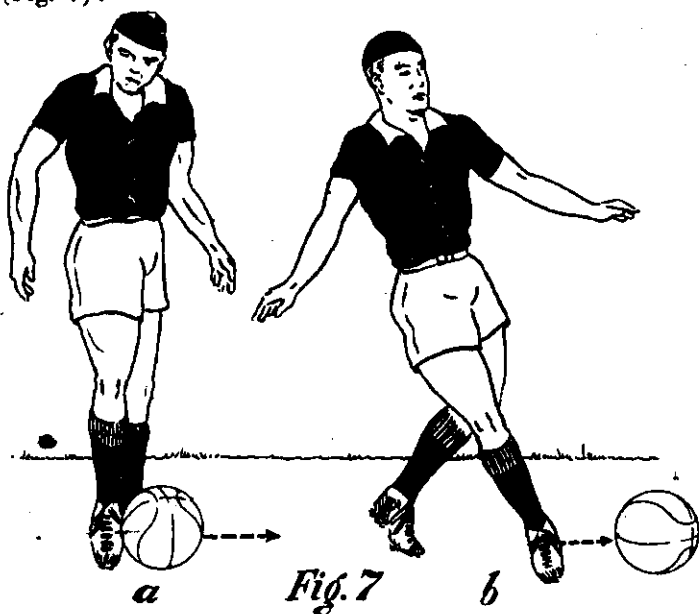
A perna que executa o passe é levada estendida para a frente, o quadril segue o movimento; depois, a perna se eleva até formar aproximadamente um ângulo de 60°. O corpo se eleva sôbre a ponta do pé que ficou no solo. A bola é shootada com o peito do pé. Êste em extensão. Acompanhada pelo pé na direção desejada, a bola continúa a seguir esta direção mesmo depois do pé perder o contacto com ela; disparado o shoot, ela deve achar-se ligeiramente acima do solo e permanecer nessa altura durante o seu trajeto, ficando, portanto, livre das asperezas do solo, as quais, por isto, não poderão mudar sua direção nem reduzir sua velocidade. Êste passe pode ser feito a uma distância relativamente grande (Fig. 6).

Passé curto com o lado interno do pé.

Passar a bola com o lado interno do pé, alongando-se a perna.

O passe com o lado interno do pé faz rolar a bola sôbre o solo e imprime uma trajetória muito curta, sendo, por con-

seguinte, menos potente que o anterior. É o passé empregado quando um companheiro está bem próximo do outro (Fig. 7).



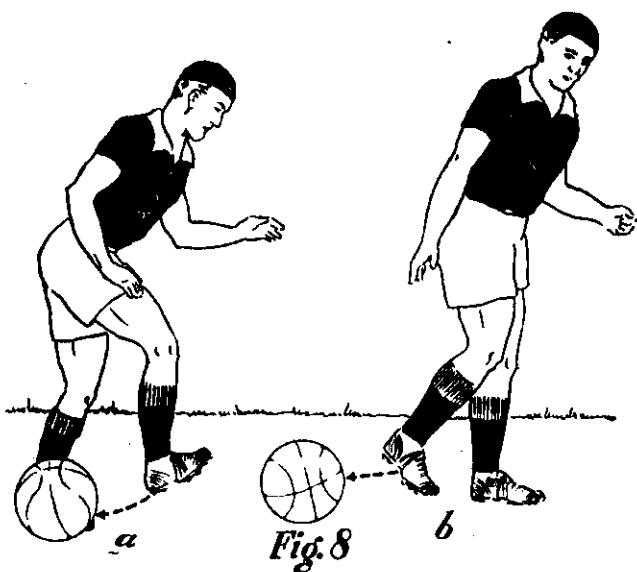
Passé curto com o lado externo do pé.

Procede-se igualmente como com o antecedente; somente a parte do pé a aplicar à bola é que difere. Emprega-se o lado externo do pé. É o passe do "meia" (quando marcado) a um "ponta". Um perfeito executante d'esse passe é o consagrado jogador Tim, do Fluminense F. C..

Passé curto com o bico do pé.

Sómente empregado em casos extremos, como por exemplo, nas esgrimagens.

O passe é executado por intermédio de uma pequena extensão da perna, de modo que o pé toque na bola pela biqueira.



Passé curto por trás com os calcanhares.

A bola é passada por uma pequena flexão da perna para trás. O contato do pé com a bola é tomado pelo calcanhar (Fig. 8). O emérito executante dessa modalidade de passe é Valdemar, jogador do Clube de Regatas do Flamengo.

Este passe também pode ser dado para os lados: para o lado esquerdo, no caso do jogador usar a penar direita, que se deverá flexionar pela frente do corpo, isto é, paralelamente à linha dos ombros.

(Continúa No próximo número).